

4

CONCLUSÃO

(O Diário)

A idéia de um mundo português unificado não foi inventada por Gilberto Freyre: é uma percepção que fundamenta a própria expansão marítima lusitana. Já a discussão sobre o que seria este mundo e o modo peculiar do português se espalhar por outras terras, começou a desenvolver seu sentido mais intelectualizado muito antes das idéias de Freyre e se materializou na Exposição do Mundo Português, realizada em 1940, em Lisboa.

A crença em uma superioridade no tipo de contato com os trópicos legitima e ameniza a “necessidade” de se invadir e explorar regiões habitadas por povos “primitivos”; invasão que acabaria garantindo a estes povos, ao longo do tempo, vaga cativeira na lista dos mais miseráveis do mundo. A teoria luso-tropicalista de Freyre colabora com o discurso que tenta amenizar o problema, mas creio que seja um pouco de exagero responsabilizá-la por uma situação já estabelecida.

Não me interessa defender ou atacar a teoria de Freyre, mas encontrar a verdadeira importância da *abertura* que a torna passível de associação com outras teorias, sem prejuízo para seus conceitos fundamentais. Só para citar um dado concreto desta abertura, vale lembrar que a mesma apropriação das idéias de Freyre pela elite política do governo salazarista foi realizada por alguns dos movimentos germinais nacionalistas africanos que adotaram *Casa-Grande & Senzala* (que como demonstrei, é o primeiro esboço do luso-tropicalismo no encadeamento cíclico da obra de Freyre) como apoio para o ideário da independência.

Nos anos 30 e 40, a repercussão de autores que repensavam a questão racial e reivindicavam um novo lugar para o negro na realidade sócio-cultural dos países em desenvolvimento foi essencial para a solidificação dos movimentos intelectuais nos países africanos. No caso de Gilberto Freyre, a valorização do mestiço como força de construção de uma nova realidade cultural, mais rica e mais equilibrada, é retomada a

partir da consciência de *Cultura* como um conjunto de culturas regionais. *Casa-Grande & Senzala* fez parte da leitura de motivação de movimentos como os de Angola e, especialmente, o Claridade, de Cabo Verde, citado em *Aventura e Rotina*.

Arrisco-me a falar do outro lado dos efeitos do pensamento de Freyre, mesmo sem me aprofundar no tema, apenas para chegar ao seguinte ponto: se a idéia de unificação em torno de Portugal não era uma idéia original deste autor, talvez a idéia de *falta de identidade* portuguesa, também não fosse dele.

E é claro que não era. Estou querendo chamar atenção para o que me parece mais importante nas idéias de Gilberto Freyre sobre a origem da nossa formação: se estas idéias não são, individualmente, novas, o que surge como novo é a noção de *colagem* dentro da qual ele entende a diversidade, a possibilidade de convivência de antagonismos, o equilíbrio de excessos e a moderação. Entender a necessidade desta equalização seria, para ele, o único caminho possível para o desenvolvimento democrático das nações tropicais.

Ao contrário de alguns autores publicados anteriormente (e de muitos que se sucederam a ele), quando fala de um espírito português, Freyre não destina ao D.Sebastião quincentista (aquele sobre quem Fernando Pessoa escreveu o poema símbolo da justificação de um império; “louco sim, mas porque quis grandeza”) ou ao sebastianismo que inspirou tantos saudosistas de um império português, o lugar de um fantasma a ser esquecido. Os fantasmas de Freyre têm essa característica: “são simultaneamente mensageiros, portadores e suportes do espírito e da cultura de um povo”¹, e sobrevivem não como lembrança, mas como presença viva.

O ideário imperialista português era alimentado por uma elite desejosa de alcançar o posto de salvadora de indígenas e do próprio povo português, incluído na época salazarista dentre os que deveriam ser “protegidos” da “ilusão do livre-arbítrio”.² Tendo-se isto em mente, a conclusão mais fácil que se tira da leitura de *Aventura e Rotina*, de conteúdo tão coincidente com algumas das premissas desta elite, é a de que a proposta de Freyre é a conservação de um passado que já deu provas de não dar certo. Mas assim como em *Casa-Grande & Senzala*, onde ele

¹ *Assombrações do Recife Velho*: prefácio de Mary Del Priore, pág.18.

² Ver Thomaz, 1998.

valoriza a importância das continuidades do passado colonial (que tinham sido renegadas pelas propostas modernizadoras do século XIX) a intenção de incorporar os traços do passado em *Aventura e Rotina* não é limitar o presente, mas dar a ele substância.

Gilberto Freyre não preza informações conclusivas, porque sua abordagem de Cultura (ou as ações mais espontâneas e vitais da humanidade) não pode ser definida. Mas se ele não é o descobridor do português como um ser social “oco”, adaptável não apenas a outros povos como também a modernidades (vale lembrar que aqui estou me referindo àquele *ideal* identificável na cultura portuguesa, e não na própria nacionalidade), certamente é um dos principais responsáveis pelo estabelecimento da consciência disso entre os próprios portugueses; graças, em grande parte, àquele “lugar dos mitos” a que, afinal, sua teoria foi de certa forma destinada.

Acredito que Freyre não rejeitaria o fato de que sua teoria de Brasil, ou de mundo luso-tropical, fosse capaz de se encaixar em inúmeras esferas; a dos mitos, inclusive. A consciência de uma *ausência de identidade* está hoje em dia tão naturalizada (obviamente, não *apenas* devido a Gilberto Freyre) que se pode ler o seguinte trecho em um romance português atual:

“- Só cá uma dúvida. E ouve lá, o que é que tu sabes da mãe do D. Sebastião?

- Dela... Mas dele tudo, é claro. Louco sim porque quis grandeza, o Desejado, o Encoberto... Tudo. É a identidade nacional.

Tocou-me numa das minhas fobias, estou farto dessa, dos que falam da identidade nacional como se fosse gente:

- Uma ova. Uma ova a identidade nacional, não há tal coisa. Há pessoas e circunstâncias. Mudam umas, mudam as outras, muda a identidade nacional. E se muda já não é a mesma, deixa de ser o que era, de modo que não há”³.

Aproveitando a imprecisão na escrita, Freyre cria em *Aventura e Rotina* seu próprio jogo de ambigüidade, onde a negação e a afirmação ganham sentidos relativos. Ele comenta diversas vezes, por exemplo, que a falta de definição dos

³ Macedo, 2002. *Vícios e Virtudes*.

portugueses pode chegar a uma triste decadência de iniciativa em algumas áreas. Como na da arte da pintura:

“[...] não se devia esperar dessa luz macia, que viesse há séculos favorecendo em Portugal o desenvolvimento de pintores e que pintores portugueses, com os olhos acostumados a um sol quase africano, tivessem se antecipado aos artistas de outras regiões da Europa em retratar figuras e pintar paisagens tropicais? É certo [...]” que há “[...] uma escola portuguesa de pintura[...] Mas como se explica que essa escola ou a outra tenha dado de si tão pouco na Europa e, menos ainda, no Ultramar? Que além de Nunes, um Silva Português tenha precisado do ambiente espanhol para tornar-se Velasquez, do mesmo modo que o Espinosa português precisou do ambiente holandês para tornar-se Spinosa e elevar-se tanto na abstração pura quanto o outro em arte voltuosamente sensual? Que o Brasil só tenha tido retratada a sua gente vermelha e a preta, importada da África, e pintada sua paisagem tropical - marcada de branco de cal, de amarelo de ocre, de vermelho de terra de barro, ou azul ou verde de azulejo, pela presença do português construtor de casas-grandes, de engenhos de açúcar, de capelas, de conventos- depois que os holandeses se apoderaram de Pernambuco? São pontos que não sei bem explicar. [...] Equivalente na pintura do que Fernão Mendes Pinto foi na literatura, não apareceu ou se afirmou nenhum português”⁴.

O “não sei bem explicar” neste caso, é mera figura de retórica: Freyre joga com a falta de argumentos lógicos que expliquem a ausência de uma escola de pintura de vulto em Portugal, já que teria todas as condições para isso (e talvez até mais que outros lugares), na verdade, usando uma justificativa. A ambigüidade, tal como para os antigos portugueses, que creditavam à personalidade diferenciada todos os seus vícios e virtudes, compensa a ausência de algumas áreas desenvolvidas nos demais países. O português nunca chegaria a se definir porque essa seria sua principal arma de sobrevivência enquanto cultura.

O caráter enumerativo da observação de Freyre, que ele mesmo define em *Aventura e Rotina* como “etnográfico”, não tem utilidade apenas de atalho para questões mais profundas. O sentido de justaposição de sua etnografia a deixa livre do controle etnológico sistemático, e é muito próxima daquilo que James Clifford

⁴ AR, pp 56 e.57.

descreve como *surrealismo etnográfico*. Ou seja, as imprecisões, as impurezas e os sincretismos não são eliminados. Esta justaposição acaba operando no sentido de, através de diferentes cortes e *transversalmente*, atingir a maior abrangência e profundidade possível.

As digressões literárias e o status de ensaio que Gilberto Freyre reivindica para suas obras são claramente incorporados da influência imagista e servem-lhe como recurso para o fazer historiográfico orgânico. Já no prefácio, encontramos a advertência sobre a imprecisão dos dados que vão sendo apresentado sobre as semelhanças e dessemelhanças entre Brasil e Portugal. “*As notas de viagem que recolhi... Tomam forma menos expressionista que impressionista. Outras a servir de comentários às vezes abstratos... Até a devaneios especulativos*”⁵.

Um freqüente embaralhamento de observações sobre o “ser português” pode confundir o leitor desavisado:

“Desamor às arvores altas [...] desenvolvido na Europa ibérica por árabes desejosos de aproveitar o máximo das terras para sua policultura útil, econômica, bem dirigida. Desamor não de todo contrariado por frades ou monges cujo interesse nas extensões de terras sob seu domínio fixou-se antes na exploração agrária que na conservação, considerada por muitos deles talvez só estética - pecaminosamente estética - de matas ou paisagens. Mesmo assim, parece que é principalmente a frades com alguma coisa de paisagistas em seu modo de ser latifundiários, que se deve o que há de coroado por arvoredo antigo e português na paisagem mais castiça”.

É como se aquela imprecisão das características do português se fundisse com a própria explicação de tais características, ressaltando a ambigüidade e forçando uma percepção sincrônica e descomprometida de relações de causalidade. Evaldo Cabral de Melo⁶ destaca muito bem que a originalidade metodológica de Freyre, que consistiu em aplicar ao estudo de uma sociedade histórica (a brasileira) a perspectiva sincrônica da antropologia, acaba potencializando “seu gosto pelas totalidades em

⁶ in: Falcão e Araújo, 2001, p 21.

detrimento das seqüências e da descrição em prejuízo da narração”⁷. Sua maneira de escrever carrega uma forte carga de oralidade, e por isso acaba assumindo a imprecisão típica do saber baseado na memória.

Como para os próprios portugueses que analisa, a busca de Gilberto Freyre em *Aventura e Rotina* é pelo equilíbrio: o sincronismo absoluto dos antropólogos é reeditado por uma intersecção com a perspectiva histórica, já que ele não estava interessado em descrever universos em tempos estáticos, como pretendi demonstrar ao longo deste trabalho. “Estava sim, mais interessado em um período do que em um momento [...] com estruturas sendo definidas como aquilo que muda relativamente devagar”⁸. O método de Freyre consistia exatamente na anti-sistematização, meticulosamente planejada e de acordo com seus objetivos de tentar flagrar estados psico-sociais de permanência.

Maria L. Pallares-Burke, que compartilha desta interpretação sobre a imprecisão contida no texto de Gilberto Freyre, chega a afirmar que “Freyre se permitia a liberdade de abordar seu objeto de estudo com o espírito de aventura intelectual, ou como dizia, com o ‘unsystematic method of thinking’ dos ensaístas ingleses que ele tanto admirava.” O que importava para ele era “A natureza da realidade psico-social que é, no seu entender, fundamentalmente ambivalente, fragmentária, subjetiva e fugidia.”⁹

Em *Aventura e Rotina*, as particularidades da cultura portuguesa são descritas tanto em uma forma mais abstrata, de “espírito lusitano”, como nas práticas do homem português comum. Não há, portanto, prejuízo para o entendimento, nem do aspecto mais geral (o “espírito português”) nem do mais particular (como cada português vive este espírito no dia-a-dia) já que na concepção fluida de cultura de Freyre, geral e particular são complementares.

Dessa maneira, sua abordagem sociológica acaba por absorver inclusive a dimensão do pitoresco. Para começar um livro que gostaria de escrever, sobre as vindimas do Porto, teria de vê-las considerando

⁷ Idem

⁸ Idem

⁹ Maria Lúcia Palhares Burke. *Um Método Antimetódico*. In: *O Imperador das Idéias*.

“[...] o aspecto mais festivo, mais pitoresco, mais folclórico do assunto, mas não o menos rico de significado humano. Pois precisamos não menosprezar sistematicamente o pitoresco como sendo sempre o aspecto superficial da vida: às vezes é através do pitoresco que os aspectos mais íntimos de uma cultura ou atividade regional se deixam compreender melhor. O pitoresco deixa-se conservar melhor no gelo do tempo social; nos outros aspectos de vida expostos ao calor há uma fuga assim rápida do passado a dissolver-se mais depressa em futuro”.

A ambigüidade contida no seu estilo de texto segue o que, para ele, parece ser o melhor caminho para a compreensão de uma realidade multifacetária, onde tradicional e moderno, racional e irracional, sagrado e profano - e no caso do Brasil a partir das transformações do século XIX, público e privado - se intercomunicam.

O auge da liberdade de escrita é atingido no exercício de personificação das anotações. Como viaja com a família (esposa, filhos e o pai) Gilberto Freyre não se furta de incluir todos nos seus parâmetros de comparação. Assumidamente vaidoso, cria pontos de intersecção entre a moderação ideal de Lisboa e sua própria maturidade, a paixão dos conquistadores e a infância de seus filhos (excitados pelas novidades diárias) os excessos em equilíbrio e o conhecimento de seu pai, infantilizado pela velhice, “recitando o muito do Camões que sabe de cor”. A interação entre seus parentes e os lugares que visitam parece se dar pelo mesmo movimento que absorve as três esferas de tempo na observação do mundo luso-tropical.

“Meu pai deixa de ter setenta e seis anos para sentir-se um adolescente tocado pelos devaneios germânicos de D. Fernando... Mesmo no romantismo germânico se vê presente a mistura intrínseca à cultura portuguesa” (p.41).

Além da importância do luso-tropicalismo para a continuidade de sua própria obra, acredito que nesta fase Freyre tenha indicado preciosos caminhos para o debate analítico sobre a escrita das questões sociais. Não se trata de negligenciar seus possíveis comprometimentos ideológicos, claramente identificáveis na leitura de suas

análises “descomprometidas”; trata-se de reconhecer a dimensão desta sociologia histórico-antropológica nas suas diversas possibilidades de cortes epistemológicos.

As questões de *Aventura e Rotina* avançam guiadas pelo repúdio à eliminação de qualquer fator que possa ser constitutivo do imaginário ou das motivações íntimas de um povo. Seu exercício de justaposição é uma espécie de antecipação do “anti anti-relativismo” de Clifford Geertz¹⁰, na forma de um “anti anti-imperialismo” (ou um anti anti-tradicionalismo, ou um anti-anti conservadorismo). E explico: Geertz começa o terceiro capítulo de seu livro “Nova Luz Sobre a Antropologia” chamado, justamente, “anti anti-relativismo”, dizendo que ele pretende destruir um medo, o do relativismo cultural; não destruir a coisa “em si”, que ele pensa “meramente existir”, mas o próprio medo, que ele julga infundado. Infundado porque as conseqüências morais e intelectuais que normalmente se supõe decorrerem do relativismo, na verdade não decorrem dele, e as recompensas para quem dele consegue fugir, são ilusórias.

Nesse sentido, a comparação com Freyre é um tanto forçada, já que ninguém, em tempo algum, poderia afirmar que o imperialismo não existiu, ou que a crença nos seus malefícios teria sido um exagero dos traumas do pós-guerra. Mas acho que fora essa ressalva, bastante óbvia por sinal, a comparação continua válida: Geertz afirma que o que ele quer com essa construção “através do espelho” não é defender o relativismo, mas atacar o anti-relativismo, uma versão reformulada de um erro antigo.

Ao não eliminar as permanências, as continuidades, **o passado**, no seu estudo da nossa complexa realidade sócio-cultural; Gilberto Freyre acaba, antecipadamente, sinalizando para o risco do absoluto.

¹⁰ “Anti anti-relativismo”, in: *Nova Luz sobre a Antropologia*, 2001.

